

A relação entre História e Filosofia em Michel Foucault



*Davi Avelino Leal**

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre História e Filosofia na trajetória de Michel Foucault. A História não é a atividade fim, mas o caminho para o exercício filosófico de diagnóstico do presente.

Palavras-chave: História; Filosofia; Diagnóstico do Presente.

Abstract

This article has the objective of analyzing the connection between the History and Philosophy the trajectory of Michel Foucault. History isn't the finish activity, but a way to carry on the exercise philosophical of diagnosis of the present.

Keyword: History; Phiplosophy; Diagnosis of the Present.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) e bolsista da Fapeam. E-mail: davilea2005@hotmail.com



Introdução

O presente texto objetiva problematizar alguns contrassensos reiterados que marcam a recepção dos trabalhos de Foucault entre os historiadores e filósofos, quando está em pauta o modo como tais trabalhos relacionam Filosofia e História.

Inicialmente, Foucault foi visto por alguns filósofos (Sartre e Henry Lefebvre) como alguém que recusa ou mata a história; num extremo oposto, um historiador (Paul Veyne) verá em Foucault o “historiador acabado”, para quem tudo é histórico, e que fez na história uma revolução científica atrás da qual andavam todos os historiadores.

Esse primeiro contrassenso desdobra-se em outro: por um lado alguns historiadores (J. Leonard, por exemplo) apontam nas investigações históricas de Foucault o que consideram deslizes metodológicos, os quais são tributados na conta de Foucault ser antes um filósofo e não propriamente um historiador; por outro lado, os filósofos sentem-se desconfortáveis com livros como *História da loucura* ou *Vigiar e punir*, considerando-os como revelando mais da história empírica do que da filosofia.

Foucault fala das ciências, do poder, da história etc., mas não faz epistemologia, nem ciência política e nem filosofia da história. Um terceiro contrassenso marca ainda a recepção das obras de Foucault: a que vê na evolução de Foucault dois períodos radicalmente distintos: um marcado por uma perspectiva sincrônica, fortemente influenciada pelo estruturalismo; o outro, orientado por uma perspectiva mais diacrônica, no qual Foucault, sob a influência de Nietzsche, reencontraria a história. O objetivo deste artigo é desfazer esses contrassensos, posta mais uma vez a questão: Afinal, qual a relação entre história e filosofia na trajetória de Foucault?

A Filosofia como Diagnóstico do Presente

Meus livros não são tratados de filosofia nem estudos de história: no máximo, são fragmentos filosóficos em canteiros históricos.

M. Foucault. *Ditos e escritos*, vol. IV.



O “discurso filosófico da modernidade” tem se colocado constantemente a tarefa de fazer uma crítica da própria cultura. Os trabalhos de Michel Foucault convergem nessa direção de elaborar uma crítica da cultura por meio de um diagnóstico do presente (HABERMAS, 1990; FOUCAULT, 2000).

Um filósofo idiossincrático, que não se considerava historiador, quanto a ser chamado de filósofo só admitia de forma condicional, desde que a filosofia fosse tomada como crítica da cultura, está marcado não por construir um sistema onde os temas obedeciam a coerência interna de uma obra. Foucault é marcado por sua trajetória. Nesta, os temas se deslocavam, sofrem revisões, rupturas e autocríticas, porém a ideia de diagnosticar a atualidade funciona como fio condutor que interliga todas as fases de Foucault.

Na introdução do segundo volume de *História da sexualidade, o uso dos prazeres*, Foucault busca recuperar a ideia de filosofia como ascese, ou seja, um exercício de autotransformação daquele que busca conhecer. Foucault, ao comentar onde estaria a motivação de seus trabalhos, nos diz

Quando ao motivo que me impulsionou foi muito simples [...] É a curiosidade – em todo caso a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida que onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir [...] mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho. O “ensaio” – que é necessário entender como

experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1999: 13).

Essa é uma das passagens reveladoras da relação que se estabelece entre história e filosofia em Foucault. Quando ele nos diz que é importante o exercício de nos desprendermos de nós mesmos visando um estranhamento com as nossas formas de vida, que parecem as mais naturais, mas que, no entanto, estas são historicamente construídas, ele nos fornece a chave interpretativa para entendermos as aproximações e afastamentos das duas formas de conhecimento.

Ao realizar esse movimento de distanciamento com relação ao presente, Foucault buscava uma nova noção de filosofia, em ruptura com a ideia, presente na modernidade, de que a filosofia é uma construção de uma linguagem técnica reservada aos especialistas. Filosofia, para Foucault, seria um exercício de autoconstituição do sujeito, uma ascese (ORTEGA, 1999).

Há ainda outro aspecto fundamental dessa relação ética/política e estética da trajetória foucaultina. A forma como as questões surgiam estavam sempre ligadas aos problemas do presente, fincados nas problemáticas da atualidade.

Foucault partia desse questionamento posto pelo próprio presente, para fazer um diagnóstico e uma crítica da atualidade. Foucault, porém, não foi o primeiro a fazer filosofia como diagnóstico do presente, pois esta já pode ser percebida em Kant, quando este, em 1783, responde a questão: O que é o Esclarecimento? O esclarecimento para Kant era a saída do homem da menoridade pelo uso da razão. A questão-chave nessa pergunta é que ela remete a análise do próprio presente em que vivia o filósofo. “As luzes são o despertar do homem para a razão, sem submeter a nenhuma autoridade” (KANT, 1985). “Neste momento, temos a crítica exercendo o papel de definir as condições nas quais o uso da razão é legítimo para determinar o que se pode conhecer, o que é preciso fazer e o que é permitido esperar” (FOUCAULT, 2000: 340).

O avanço tecnológico, os ideais iluministas e o progresso da física newtoniana colocavam um novo horizonte para Kant. A maioria era



inevitavelmente fruto do progresso da humanidade.

Se Kant inaugura a modernidade fazendo uma reflexão sobre o seu presente, quem realmente sinaliza para Foucault a importância do diagnóstico e de certo modo a própria metodologia para realizá-la é Nietzsche. Foucault em 1969, em uma entrevista a Paolo Caruso, comenta novamente a sua maneira de fazer filosofia e o papel de Nietzsche em seu pensamento:

Para mim, é difícil classificar uma pesquisa como minha, no interior da filosofia ou das ciências humanas. Eu poderia defini-la como uma análise dos fatos culturais que caracterizam a nossa cultura, e, nesse sentido, tratar-se-ia de uma etnologia histórica da cultura à qual pertencemos. Efetivamente, procuro situar-me no exterior da cultura a que pertencemos, analisar suas condições formais para, de certa forma, criticá-la, não no sentido em que se trataria de reduzir seus valores, mas para vê-la como ele pode, efetivamente, se constituir. [...] É muito possível que aquilo que fiz tenha a ver com a filosofia, principalmente na medida em que, ao menos desde Nietzsche, a filosofia tem como tarefa diagnosticar e não mais procurar dizer a que possa valer para todos e para todos os tempos. Procuro precisamente diagnosticar, realizar um diagnóstico do presente: dizer o que somos hoje. Trabalho de escavação sob nossos pés caracteriza, a partir de Nietzsche, o pensamento contemporâneo, e nesse sentido posso me declarar filósofo (ERIBON, 1996: 128).

Para Nietzsche, “o filósofo é aquele que pode diagnosticar o estado do pensamento desempenhando o papel de arqueólogo, onde se estuda o espaço no qual se desdobra o pensamento, seu modo de constituição” (FOUCAULT, 2000: 34).

Ao fazer a crítica da cultura europeia do século 19, Nietzsche percebeu o papel que a moral judaico-cristã desempenhava na conduta, muitas vezes hipócrita, dos europeus. O autor de *Genealogia da Moral* foi levado a empreender uma pesquisa histórica utilizando-se de instrumentos, como a filologia, para analisar a inversão realizada pelo cristão no sentido das palavras bom/ruim para bom/mau, ele valeu-se também da contribuição de psicólogos ingleses

para a análise de ideias como ressentimento e má consciência presentes também no cristianismo.

Esse instrumental diversificado possibilitou o diagnóstico da “morte de Deus”. O procedimento teórico-metodológico, assim como os temas elaborados por Nietzsche, serão os pontos-chave para a compreensão dos trabalhos de Foucault tanto no período arqueológico (anos sessenta) quanto genealógico (anos setenta).

Ao realizar as suas pesquisas, Foucault não só atualiza os instrumentos utilizados por Nietzsche, como acrescenta novas ferramentas, próprios de sua época, tornando seu olhar mais acurado para a tarefa de crítica da atualidade. Uma dessas novas ferramentas usadas é o estruturalismo. Para Foucault, “o estruturalismo permite diagnosticar as relações atuais que podem existir entre tal e tal elemento de nossa cultura, entre tal e tal ciência, tal domínio prático e teórico [...] sua função agora bem mais árdua é fazer uma análise da conjuntura cultural, fazer o diagnóstico do presente” (FOUCAULT, 2000: 58).

Outros instrumentos foram retirados da epistemologia histórica francesa, como, por exemplo, a noção de descontinuidade e da escola dos anais, como a crítica da origem estabelecida por Marc Bloch (2001: 58) e da ontologia heidggeriana, marcante principalmente em *As Palavras e as Coisas*. Todos eles funcionarão como uma “caixa de ferramenta” para a tarefa filosófica de diagnóstico do presente.

Em texto recente, Paul Veyne (2011) chamou a atenção para o fato de que utilizar o estruturalismo como ferramenta não faz de Foucault um expoente do estruturalismo, bem como ele não deve ser “classificado” como membro da famosa “Escola dos Anais”, embora tenha realmente contribuído para problematizar questões cruciais para essas escolas de pensamento.

Ainda sobre a questão metodológica nos trabalhos de Foucault, ele mesmo dizia que cada novo trabalho tinha seu percurso metodológico, sendo, portanto, inviável estabelecer um padrão ou fórmula fechada para pesquisa. Um novo objeto estabelece uma nova relação de pesquisa.

O fio condutor dos trabalhos se dá a partir da ideia de diagnóstico do presente. Os conflitos, os acontecimentos (entendido como a entrada de novas forças em cena), um novo discurso, todos funcionam como sintomas de transformação e mudança e devem ser analisados à luz da história.

É nesse sentido que devem ser lidos os trabalhos, ou melhor, as



intervenções do filósofo. O título de cada novo trabalho carrega em seu bojo essa preocupação em estabelecer uma crítica das condições históricas de possibilidade do nosso presente.

Como exemplo desse exercício filosófico de crítica da atualidade e a forma como a história pode efetivamente contribuir para esse processo, tomemos os trabalhos realizados pelo autor durante a década de setenta.

Foucault, a Genealogia, a História

Os diagnósticos realizados por Foucault durante os anos setenta são caracterizados pela contundente crítica às práticas e relações de poder da sociedade desde pelo menos o século 17. Se durante os anos sessenta a ênfase havia recaído sobre as práticas discursivas (do saber médico-psiquiátrico e acadêmico), tratava-se agora de verticalizar a análise para as práticas não discursivas.

Nesse sentido, a genealogia do poder é o resultado das novas pesquisas de Foucault, que buscavam resolver o problema da relação entre os discursos e as práticas. A abertura dessa nova problemática foi gerada pela dificuldade da arqueologia de analisar as práticas. O início da década de setenta é, para Foucault, marcado por uma verdadeira crise metodológica. Suas experiências com o GIP – Grupo de Informação das Prisões, a proximidade que mantinha com a “causa do povo”, jornal de esquerda ligado a Sartre, e as diversas entrevistas concedidas aos maoístas, haviam levantados questões sobre as relações de poder nas sociedades contemporâneas. Esse momento, porém, ainda não significava o surgimento da genealogia. Enquanto Foucault esteve ligado à ideia de poder como exclusão e repressão, sua perspectiva estava presa ao modelo arqueológico tal como o aplicado em *História da loucura*.

Somente no momento em que o poder passa a ser analisado como positividade é que a perspectiva da genealogia se abre. A sua fundamentação teórico-metodológica está esboçada em um texto intitulado *Nietzsche, a Genealogia, a História* (FOUCAULT, 2000).

A partir da teoria das forças de Nietzsche, Foucault propõe um novo olhar para a história, não mais marcado por uma visão teleológica do processo histórico, mas que buscasse perceber os conflitos, as guerras e as inversões de forças.

A pesquisa genealógica é cinzenta, pois trabalha com documentos embaralhados, riscados, algumas vezes reinscritos, daí a necessidade de uma busca paciente e meticulosa desses documentos. Tal exercício difícil de ser executado é justamente para conjurar visão de origem. A genealogia não está interessada na origem, que pressupõe a ideia de essência nas coisas:

A genealogia não pretende recuar no tempo para estabelecer uma grande continuidade de além para além da dispersão e do esquecimento: sua tarefa não é mostrar que o passado está ali, bem vivo no presente, animando-o em segredo [...] seu objetivo é manter o que passou na dispersão que lhe é própria, é situar os acidentes, os ínfimos desvios, as completas inversões (FOUCAULT, 2000: 262).

A genealogia volta o seu olhar para a singularidade, para o acontecimento, para mostrar que o início foi marcado pela discórdia entre as coisas, pelo disparate, seu objetivo é antifundacionista, o que ela quer é agitar o que antes se percebia como imóvel, fragmentar o que se pensava unificado:

Fazer a genealogia é deter-se nas meticulosidades e nos casos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa em sua derrisória maldade: esperar para vê-los surgir, máscaras finalmente retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir buscá-los lá onde eles estão “escavando as profundezas”; dar-lhes tempo para retornarem do labirinto onde nenhuma verdade jamais o manteve sob sua proteção. O genealogista precisa da história para conjurar a visão da origem, um pouco como o bom filósofo tem necessidade do médico para conjurar a sombra da alma (FOUCAULT, 2000: 264).

A perspectiva que se abria com a genealogia possibilitava não só pensar a história de outra forma, mas metodologicamente aperfeiçoava os instrumentos da arqueologia, contribuindo para uma análise mais apurada do presente.

O resultado histórico dessas reflexões leva Foucault a uma visão não muito otimista da história, fruto, talvez, das decepções sofridas por sua geração, que viu o fracasso do comunismo soviético e a derrota de maio de 68:



A humanidade não progride lentamente de combate em combate, até uma reciprocidade universal, na qual as regras substituiriam, para sempre, a guerra: ela instala cada uma dessas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação. [...] O grande jogo da história será de quem se apossar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que a utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las pelo avesso e voltá-las contra aqueles que a tinham imposto; de quem, introduzindo no complexo aparelho, o fará funcionar de tal forma que os dominadores se encontrarão dominados por suas próprias regras. [...] Mas se interpretar é apoderar-se, pela violência ou sub-repção, de um sistema de regras que tem em si a significação essencial e impor-lhe uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: História das morais, dos ideais, dos acontecimentos físicos, história dos conceitos de liberdade ou da vida ascética, como emergência de diferentes interpretações (FOUCAULT, 2000: 272).

A partir dessa nova formulação proposta pela genealogia, Foucault sinaliza para uma nova ideia de acontecimento, marcado por

uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se amplia e se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que estão em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta (FOUCAULT, 2000: 273).

Todos os trabalhos de Foucault desse período estão marcados pelo olhar nietzschiano característico da genealogia. Nesse contexto, a história é o instrumento privilegiado para análise do presente, pois permite, por um lado, perceber a diferença no passado, contribuindo para analisarmos as mudanças e, por outro, ela indica novos ultrapassamentos. “Se a história possui um privilégio, este estaria de preferência, na medida em que ela desempenharia

o papel de uma etnologia interna de nossa cultura e de nossa racionalidade, e encarnaria, conseqüentemente, a própria possibilidade de toda etnologia” (FOUCAULT, 2000: 76).

Em *Vigiar e Punir*, um dos principais trabalhos do período genealógico, Foucault afirma que seu objetivo nesse livro é fazer “uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo-científico judiciário, onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, recebe seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade” (FOUCAULT, 2002: 23).

Uma de suas preocupações é mostrar como as ciências humanas se formaram não somente como prática discursiva, análise presente em *As Palavras e as Coisas*, mas como práticas institucionais, a partir de práticas não discursivas como as formas de disciplinamento ou de exame. Dessas técnicas de controle nasceriam as ciências do homem:

Sem dúvida, temos razão em colocar o problema aristotélico: é possível uma ciência do indivíduo, e legítima? Para um grande problema, grandes soluções talvez. Mas há o pequeno problema histórico da emergência, pelo fim do século XVIII, do que se poderia colocar sob a sigla de ciências “clínicas”; problema da entrada do indivíduo (e não mais da espécie) no campo do saber; problema da entrada da descrição singular, do interrogatório, da anamnese, do “processo” no funcionamento geral do discurso científico. Para essa simples questão de fato, é preciso sem dúvida uma resposta sem grandeza: é preciso ver o lado destes processos de escrita e de registro; é preciso ver o lado dos mecanismos de exame, o lado da formação dos dispositivos de disciplina e da formação de um novo tipo de poder sobre os corpos. O nascimento das ciências humanas? Aparentemente ela deve se procurado nesses arquivos de pouca glória onde foi elaborado o jogo moderno das coerções sobre o corpo, os gestos e os comportamentos (FOUCAULT, 2002: 159).

O poder passa a aparecer de forma mais explícita na constituição dos saberes, o projeto genealógico estabelece uma modificação que busca fundamentalmente, nesse caso, o motivo de as ciências humanas terem aparecido. Voltemos novamente a Foucault ao se referir ao exame:



O procedimento do exame pôde estender-se tão amplamente à sociedade toda, e dar lugar as ciências do homem, um dos grandes instrumentos disso foi a multiplicidade e o entrecruzamento preciso dos diversos mecanismos de encarceramento. Não quer dizer que da prisão saíram as ciências do humano. Mas elas puderam se formar e provocar na epistêmê todos os efeitos de uma profunda alteração que conhecemos, é porque foram levadas por uma modalidade específica e nova de poder: uma certa política do corpo, uma certa maneira de tornar dócil e útil a acumulação dos homens. Esta exigia a implicação de correlações definidas de saber nas relações de poder: reclamava uma técnica para entrecruzar a sujeição e a objetivação: incluía novos procedimentos de individualização. A rede carcerária constitui uma das armaduras desse saber-poder que tornou historicamente possível as ciências humanas. O homem aqui conhecível (alma, individualidade, consciência, comportamento, aqui pouco importa) é o efeito-objeto desse investimento analítico, dessa dominação-observação (FOUCAULT, 2002: 252).

Percebemos que Foucault retoma o tema das ciências humanas em outra perspectiva, a genealogia havia posto as relações de força em jogo, a tematização do poder sobre novas bases deu originalidade à pesquisa. Esse período considerado como genealógico se estende por toda a década de 70, quando Foucault vislumbra, se não um novo projeto, uma reflexão com novas bases.

Num texto retrospectivo de Foucault, ele comenta até que ponto somos herdeiros do Iluminismo, ele nos mostra qual foi sua função filosófica, assim como o papel da história, em seus trabalhos:

É preciso tentar fazer a análise histórica de nós mesmos como seres historicamente determinados, até certo ponto, pelo Iluminismo. O que implica uma série de pesquisas históricas tão precisas quanto possível; e essas pesquisas não serão orientadas retrospectivamente na direção do “núcleo essencial da racionalidade” que se pode encontrar no Iluminismo e que poderia salvar inteiramente no estado



de causa; elas seriam orientadas na direção dos “limites atuais do necessário”, ou seja, na direção do que não é, ou não é mais, indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos (FOUCAULT, 2000: 345).

Essa ontologia histórica de nós mesmos funcionaria como *ethos* filosófico estabelecendo uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, buscando “no que nos é dado como universal, necessário e obrigatório, qual é a parte do que é singular, contingente e fruto de nossas imposições arbitrarias. Trata-se, em suma, de transformar a crítica exercida sob a forma de limitação necessária em uma crítica prática sob a forma de uma ultrapassagem possível” (FOUCAULT, 2000: 347).

Essa ultrapassagem possível se daria por uma pesquisa genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método:

Arqueológica – e não transcendental – no sentido que ela não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas trata dos discursos que articula como pensamos, dizemos e fazemos como os acontecimentos históricos. E essa crítica será genealógica no sentido que ela deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer, mas ela deduzirá da contingência que nos faz ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos (FOUCAULT, 2000: 348).

Essa foi a aposta de Foucault na sua relação com as coisas, marcada pelas preocupações com o saber, na relação com os outros, marcada pela preocupação com o poder, e sua relação consigo mesmo, marcada pela preocupação ética, última fase de seu pensamento, que não foi tratada neste trabalho.

Nosso objetivo aqui foi apenas de pontuar alguns aspectos da filosofia foucaultiana mostrando como esta busca relacionar história e filosofia por meio do pensamento de um dos mais criativos filósofos contemporâneos.



Considerações finais

Com base nos objetivos propostos e nos resultados obtidos, podemos concluir que o papel que a história desempenha no pensamento de Foucault só pode ser compreendido na medida em que percebemos o modo singular como ele concebe a atividade filosófica: “a filosofia tem por função o presente”.

Mostramos que Foucault vai buscar essa concepção em Nietzsche e que seus trabalhos históricos situam-se como diagnósticos e atualizações do diagnóstico nietzschiano, tanto no que se refere ao seu conteúdo quanto ao instrumental teórico metodológico.

A preocupação diagnosticadora foi o fio condutor de todas as investigações históricas de Foucault, tanto no período arqueológico (anos sessenta) quanto no período genealógico (anos setenta).

A história, para Foucault, foi problematizada de duas formas: uma como função crítico-essencial para o diagnóstico do presente, e a outra como campo para novos investimentos metodológicos. Como função crítica essencial para o diagnóstico do presente, procuramos mostrar que Foucault via na história a possibilidade de mostrar a mudança do presente com relação ao passado, que entre o ontem e o hoje não há necessariamente uma continuidade, mas que as coisas se transformam, passam por mudanças.

A reflexão de Foucault era uma tentativa de deslegitimar objetos que nos aparecem como naturais, ele buscava um estranhamento da nossa cultura, da nossa forma de ver a vida. Era para um exercício etnográfico que ele nos convidava, sendo o nosso passado o lugar privilegiado para o distanciamento/estranhamento.

Essa forma de se relacionar com o passado levou Foucault a adotar certos procedimentos metodológicos para pensar a história. Um desses procedimentos foi a aplicação da noção de descontinuidade. Mostramos que, em *As Palavras e as Coisas*, Foucault aplicou o conceito de descontinuidade para analisar a *epistémê* do Renascimento (século 16), para a Idade Clássica (17) e para a Idade Moderna (18-19).

A última parte dos resultados obtidos sinalizou para um aprofundamento das questões ligadas à história. Esta, a partir da genealogia, passava a ser pensada como um eterno confronto, marcada pela luta, não somente a luta de classes, como pensava Marx, mas a luta em todos os campos, o confronto, a

relação de forças.

É partir da atitude histórico-crítica, da pesquisa minuciosa e paciente, que podemos responder a impaciência da liberdade, colocando à prova “a realidade da atualidade, para simultaneamente apreender os pontos em que a mudança é possível e desejável e para determinar a forma precisa a dar a esta mudança” (FOUCAULT, 2000: 348).

O nosso estudo buscou uma compreensão inicial da relação entre história e filosofia elaborada por Foucault. Esperamos ter respondido às questões-problema postas e que dessa forma tenhamos contribuído para desfazer os contrassensos de que falávamos anteriormente, geradores de leituras errôneas da trajetória de Foucault.

Referências

ALVES, Alexandre. *A Constituição da Genealogia no Pensamento Histórico de Michel Foucault*. São Paulo: USP, 2000. Dissertação de Mestrado.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário de Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2000.

CASTRO, Edgar. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. São Paulo: Autêntica, 2010.

COSTA, Carlos Rubens da. *Para uma arqueologia das ciências da educação: a epistemologização do saber pedagógico*. São Paulo: USP, 1995. Dissertação de Mestrado em Educação.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Michel Foucault Philosophe. Rencontre Internationale*. Paris: Seuil, 1989.

DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad.: Vera Portocarrero. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 1995.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FOUCAULT, Michel. Foucault répond à Sartre. In: *Dits et écrits*. Vol. II. Paris: Gallimard, 1994.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *As Palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e escritos Vol. II*. Manoel Barros da Motta (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Estratégia, Poder-Saber. Ditos e escritos Vol. IV*. Manoel Barros da Motta (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *História da Sexualidade Vol. I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *História da Sexualidade Vol. II. O uso dos prazeres*. 9.^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *A Ordem do Discurso*. Lisboa: Loyola, 2002.

KANT, Imanuel. *A Crítica da Razão Pura*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

_____. Resposta à pergunta. Que é Esclarecimento? In: *Textos Seletos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. São Paulo: Graal, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NORONHA, Nelson Matos de. *História dos Saberes sobre a Linguagem: a questão de suas discontinuidades segundo Michel Foucault*. Manaus: Edua, 2001.

O'BRIEN, Patrícia. A História da Cultura de Michel Foucault. In: HUNDT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

RAGO, Margareth. "O efeito Foucault na historiografia brasileira". In: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, out./1995, 7(1-2):67-82.

_____. *et. ali. Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*. São Paulo: DP & A Editora, 2002.

RIBEIRO, Renato Janine (Org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História e Foucault Revolucionou a História*. Brasília: UnB, 1982.

_____. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

